

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS**

CINARA KRUL VARGAS

**“O SER MULHER” A PARTIR DA LEITURA DE
NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA**

**JAGUARÃO
2023**

CINARA KRUL VARGAS

**“O SER MULHER” A PARTIR DA LEITURA DE
NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Luís Fernando da Rosa Marozo

**JAGUARÃO
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

Vargas, Cinara Krul

“O ser mulher” a partir da leitura de Niketche: uma história de poligamia/ Cinara Krul Vargas. 2023.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Letras - Habilitação Português/Espanhol e Respectivas Literaturas, Campus Jaguarão, 2023.

“Orientação: Luís Fernando da Rosa Marozo”

1. Identidade. 2. Gênero. 3. Lusofonia. 4. Chiziane. 5. Niketche.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

CINARA KRUL VARGAS

O SER MULHER A PARTIR DA LEITURA DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 07/ 07/2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa
Marozo Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dr^a. Yanna Karlla Gontijo
Cunha (Universidade Federal do
Rio Grande)

Profa. Msc. Mária Élia Gonçalves Martins
Instituto Federal Sul-rio- grandense - Campus Avançado Jaguarão



Assinado eletronicamente por **LUCIANA CONTREIRA DOMINGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/07/2023, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Maria Elia Gonçalves Martins, Usuário Externo**, em 07/07/2023, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUIS FERNANDO DA ROSA MAROZO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/07/2023, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Yanna Karlla Cunha, Usuário Externo**, em 12/07/2023, às 13:11, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1172860** e o código CRC **5CAF11B7**.

Unipampa – Campus Jaguarão
Rua Conselheiro Diana, nº 650 -
Jaguarão/RS - CEP: 96300-000
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-
5450

À minha mãe Neusa Irene Krul, que pela
insistência fez com que eu me tornasse
professora.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Neusa Irene Krul, por ser, além de tudo e de todos os sentimentos que não cabem em palavras, a mulher que eu admiro pela história de força, luta e persistência de vida, sendo a inspiração para eu nunca desistir de mim.

Agradeço à minha família, irmãs, tia e prima, que contribuíram das mais diversas formas para a concretização desta trajetória e nunca mediram esforços para me apoiar.

Aos professores de Letras que me inspiraram, conduziram e me mostraram que o ato de ensinar detém profundezas de sutileza, individualidade e admiração pela paixão do saber.

À Miriam Candido Herrmann, por apoiar minhas ideias e por contribuir, imensuravelmente, para a minha permanência na cidade de Jaguarão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo, que defende e respeita os saberes do educando, apoiou o meu trabalho desde o início, mantendo-me em foco e me instigando a melhorá-lo, por ser o alicerce que eu precisei nas fases difíceis ao longo da minha trajetória discente e pessoal, pela paciência e pela amizade.

“Dá-me a tua mão: Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir - nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio”.

Clarice Lispector

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é refletir, a partir do romance *Niketché: uma história de Poligamia* (2022), de Paulina Chiziane, as repercussões e as influências que unem e separam as vivências e as experiências, contrastadas através de semelhanças e diferenças, entre a leitora, a autora e a protagonista ao serem confrontadas por discursos que formatam a identidade do gênero feminino tendo em vista o falocentrismo e o lugar de cada um no seu meio de interação sociocultural. Para desenvolver a abordagem teórica, os movimentos histórico-cultural, socioeconômico, religioso, sexual, e as representações do ser feminino através dos cenários e personagens foram examinados dentro das perspectivas de Hall (2006), com relação ao descentramento do sujeito pós-moderno, juntamente com as teorias feministas, em especial a psicanalítica, por intermédio das contribuições de Simone de Beauvoir (2019) em relação aos possíveis caminhos que levaram o “Ser Mulher” à condição de “perdida”, além de Freire (1989) com referência à leitura de mundo.

Palavras-Chave: Identidade; Gênero; Lusofonia; Chiziane; Niketché.

RESUMEN

El objetivo de este Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) es reflexionar, a partir de la novela *Niketché: una historia de Poligamia* (2022), de Paulina Chiziane, las repercusiones e influencias que unen y separan las vivencias y experiencias, contrastadas a través de similitudes y diferencias entre la lectora, la autora y la protagonista frente a discursos que configuran la identidad del género femenino frente al falocentrismo y el lugar de cada uno en su círculo de interacción sociocultural. Para desarrollar el abordaje teórico, se examinaron los movimientos histórico-culturales, socioeconómicos, religiosos, sexuales y las representaciones del ser femenino a través de los escenarios y personajes dentro de las perspectivas de Hall (2006), en cuanto al descentramiento del sujeto posmoderno, junto con las teorías feministas, especialmente la psicoanalítica, a través de los aportes de Simone de Beauvoir (2019) en relación a los posibles caminos que llevaron al “Ser Mujer” a la condición de “perdida”, además de Freire (1989) en referencia a la lectura del mundo.

Palabras-llave: Identidad; Género; Lusofonia; Chiziane; Niketché.

SUMÁRIO

1.	12
1.1	12
2.	24
3.	25
4.	33
5.	42
6.	44

1. Introdução

Freire (1989) defende que é pela imbricação de sentimentos, emoções, observação, intuição e razão que fazem a "leitura de mundo". Para o educador, as vivências devem estar presentes na epistemologia, na teoria do conhecimento, pois a compreensão crítica da educação não pode excluir as experiências da vida. À vista disso, a leitura do romance *Niketché: uma história de Poligamia*, de Paulina Chiziane, no ano de 2019, na cadeira Portuguesa III, é a base para este trabalho de conclusão de curso porque sua leitura foi precedida pela minha experiência de vida; resultando em um processo reflexivo e de sensibilidade que desenvolvi no curso de Letras, com a aquisição do conhecimento em relação ao estudo da história, do estudo de gênero e da leitura do romance. Ao longo deste primeiro capítulo, abordo a primeira dimensão do elo formador deste trabalho de conclusão de curso: que mulher eu sou? Para isso, o processo individualizador do meu ser mulher foi narrado em três vivências qualificadoras. A primeira, que mulher eu sou na leitura de mundo, resgata as minhas memórias, vivências culturais e familiares que me constituíram em primeiro grau; a segunda, que mulher sou eu na leitura acadêmica, evidencia os processos de aproximação entre os saberes curriculares com as minhas experiências de vida, incorporando-se em ferramentas propulsoras para desenvolver o próprio pensar, e, que mulher sou eu na leitura teórica, terceiro ponto, une as minhas (re)leituras que defluem para a conscientização e para as maneiras pelas quais eu articulo o pensar, interpreto as manifestações culturais e me enuncio identitariamente frente ao mundo ao perguntar: que mulher sou, espelho meu?

1.1 Que(ais) mulher(es) eu sou?

Freire (1989) compreende que que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. O educador faz uma abordagem sobre a importância do ato

de ler” e mostra a importância da recuperação da humanidade do oprimido, quer onde se esteja. Sua causa é a dignidade da pessoa humana, que na opressão ou na libertação, atinge uma dimensão de universalidade. Na vida comum, as mulheres avançaram muito em seus direitos, mas ainda persistem um conjunto de valores e de conquistas necessárias para recuperar a nossa humanidade. Comigo, escritora deste trabalho de conclusão (TCC), não seria diferente. Este TCC simboliza o sonho de mulheres que sonharam juntas, eu e minha mãe, até onde conseguimos, mas, representa também, a dor, o sofrimento e a saudade. Este trabalho final não se trata apenas do meu percurso acadêmico, mas também do meu percurso como mulher. Neste sentido, representa o amor de uma filha para com a sua mãe, pois esta constituiu aquela a partir das suas linguagens e vivências, antes mesmo de minha entrada no curso de Letras. Minha mãe sem nenhum conhecimento teórico e crítico sobre temáticas que envolvem o gênero feminino foi, sem dúvida nenhuma, fundamental em minha formação.

Quando, hoje, penso criticamente sobre o feminino, lembro que eu não tinha conhecimentos sobre as teorias feministas, mas que elas estavam presentes na minha vida. Muito que li durante minha formação acadêmica, já estava presente nos conselhos de minha mãe, Neusa, que me orientou desde muito jovem para que eu buscasse minha independência financeira e não dependesse de homem nenhum. O “Ser mulher” para minha mãe, como defende Freire (1989), vem de sua leitura de mundo, de suas experiências, de suas vivências sentimentais. Tais conhecimentos contribuíram para sua formação que repercutiu em aspectos financeiro, amoroso e religioso, e resultaram em seus conselhos.

Mulher branca, nascida em 1949, filha primogênita de um casal de filhos de emigrantes, unidos por um casamento arranjado; minha mãe foi criada a partir de preceitos do catolicismo. Filha de um pai militar e de uma mãe do lar sofreu a realidade de seu tempo. Durante sua infância, no interior do estado do Rio Grande do Sul, estudou até a 6ª série do primário, em uma escola de freiras e, além dos estudos, sua outra obrigação infantil era manter a limpeza do lar e as refeições diárias da família, com pouco contato social e cultural. Na adolescência, mudou-se com a família para Porto Alegre, onde viveu desde então, conhecendo a realidade de uma capital, com uma cultura diferente, e longe de tudo que a definia na infância. Enquanto jovem, trabalhou desde cedo

em empresas de diversos ramos, sendo nessa fase que o seu desenvolvimento e a sua ampliação social e cultural tiveram maior propulsão.

O casamento aconteceu com quase 30 (trinta) anos, algo incomum para as mulheres daquela época. Tornou-se mãe em seguida, mas teve que continuar trabalhando para sustentar as despesas da casa, uma vez que, o então marido, bem aos moldes tradicionais, mantinha sua vida boêmia, sem cumprir com o papel de provedor. Com papéis incompatíveis, separou-se após descobrir que seu esposo possuía outra família. Mulher, divorciada, mãe e mantenedora do lar com quase quarenta (40) anos, sofreu preconceitos silenciosos por parte da Igreja. Nesse movimento, rompeu com alguns dogmas e rebelou-se à sua maneira: passou a não frequentar as missas dominicais e a não contribuir com a Igreja. Buscou outras religiões, mas que mais tarde abandonou.

No âmbito amoroso, desiludida com o masculino e, claro, sem alguns papéis sociais que eram fundamentais para as mulheres; envolveu-se em relacionamentos extraconjugais, ora de seu conhecimento ora não. Minha mãe durante sua vida foi esposa, divorciada-viúva, amante; foi mãe, avó, enfim, uma mulher em seu processo de identificação.

Eu sou filha gêmea, concebida aos quarenta e um anos de minha mãe, de um caso fora do matrimônio. Sou mulher, branca, fruto de um relacionamento extraconjugal e educada por uma mãe mantenedora do lar e que arcou com suas escolhas até a sua partida. Minha figura paterna é de um homem, com características poligâmicas. Venho de uma família pequena com predominância feminina, pois somos três irmãs, e com fortes valores cristãos. Fui ensinada a trabalhar desde muito cedo, tanto em casa limpando, como fora no pequeno comércio que minha mãe mantinha para o nosso sustento. Aos 16 (dezesseis) anos comecei a trabalhar formalmente, e mantinha os estudos escolares, simultaneamente, no horário noturno, ou seja, desde muito cedo estudei e trabalhei.

Se o desejo de cursar uma faculdade era algo impensado, muito mais impensado era fazer parte de uma Universidade Federal, pois não me compreendia capaz disso. Porém, com muita insistência da minha mãe, estudei por conta para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio. Com o resultado em mãos, me candidatei às vagas de Licenciatura, também por insistência dela. Com vinte e seis (26) anos entrei na Universidade Federal do Pampa. Um sonho

realizado em conjunto com minha mãe que conseguiu ter todas as filhas com ensino superior (sendo das três, duas professoras). Compomos o primeiro ciclo familiar com a educação superior, apesar de que todas tivemos de trabalhar paralelamente aos estudos.

Freire (1989) defende que é pela imbricação de sentimentos, emoções, observação, intuição e razão que fazem a "leitura de mundo". Para o educador, as vivências de minha mãe e as minhas devem estar presentes na epistemologia, na teoria do conhecimento, pois a compreensão crítica da educação, para Freire, não pode excluir as experiências da vida. Neste sentido, o romance *Niketche: uma história de Poligamia*, de Paulina Chiziane, base para este trabalho de conclusão, aconteceu no ano de 2019, na cadeira Portuguesa III, mas na verdade sua leitura foi precedida pela minha experiência de vida. Lembro-me do impacto da primeira leitura, tanto pela relação da semelhança quanto pelas diferenças do personagem protagonista, Rami, com a minha história, a história de vida de minha mãe. A narrativa despertou um sistema de significação, reverberando-me leitora, ficcional e de mundo. Vi a vida da mulher que eu amo refletida no texto, assim como a minha. Lia as palavras de Chiziane, lendo a mim; o contexto do mundo ditado pelo "texto", minhas memórias e meu corpo escutavam e refletiam. Daí porque Freire (1989) entendia que a palavra verdadeira é práxis transformadora, porque ela diz da intenção de não dizer a palavra vazia ou perversa, oca ou inconsistente, astuta ou destruidora, mas a palavra certa, a palavra verdadeira. Naquela leitura, mal sabia eu que a maior ruptura da minha vida aconteceria no ano seguinte, em 2020, com o falecimento da minha mãe, da mulher que sempre me inspirou.

Neste sentido, o ato de escolher o romance de Chiziane para o aprofundamento deste trabalho foi por acarretar múltiplas identificações e interesses, tanto no âmbito ficcional como em relação a minha leitura de mundo. A construção da narrativa em fluxo de pensamento, com a poética de vivências reais e históricas, que conceberam personagens (in)divisíveis formando uma verossimilhança, macro e micro da(s) linguagem(ns) do feminino, do social e do cultural, como, também, na possibilidade das (des)construções de papéis do sujeito feminino, fizeram-me ir em busca do(s) querer(es) dos papéis que me agradam e fazem-me sentir constituída tanto na identidade de gênero como na identidade pessoal.

Minha formação acadêmica foi um desafio profissional, pessoal e educacional. Profissional porque ressignifiquei a forma de me manter financeiramente em uma cidade do interior, sem emprego na minha área de atuação. Pessoal porque a mudança distanciou-me de minha mãe que por sentir-se abandonada ficou um ano sem se comunicar comigo. Educacional porque faziam nove anos que eu não estudava e me sentia, principalmente no início, atrasada frente aos outros colegas.

Entrei na Universidade Federal do Pampa em 2017, com vinte e seis (26) anos de idade. Uma mulher com dificuldades financeiras, solitária e insegura. Minha turma era um grupo pequeno com poucos colegas acima dos vinte e cinco anos. Era a última de minhas irmãs a cursar o ensino superior e a primeira a entrar em uma Faculdade Federal. A escolha pelo curso de Letras foi mais por incentivo de minha mãe do que por identificação, mas ao longo do percurso acadêmico pude entender a importância desta graduação na ampliação de minha visão de mundo.

Este trabalho de conclusão de curso é o fechamento de um ciclo de crescimento pessoal (que como apontei acima, não está isolado das vivências e contatos anteriores, mas que ampliou o entendimento do meu passado), fundamental para a reflexão e o entendimento da importância do conhecimento para a mudança do mundo. Neste sentido, em relação à academia, este trabalho possui três pilares: literatura, gênero e a obra de Chiziane.

O primeiro elemento, o gosto pela Literatura, foi despertado logo no início do primeiro semestre na cadeira “Literatura e outras linguagens”, ministrado pela professora Ana Boéssio. Ao produzir reflexões sobre a natureza, a função e as conceituações de literatura; através do desenvolvimento de leituras críticas de textos literários, da introdução da teoria dos gêneros e das categorias poéticas do texto literário; pude compreender que esse estudo não se resumia apenas a nomear e caracterizar autores e obras, mas era capaz de nos fazer entender o mundo. A identificação pelo curso foi se consolidando à medida que o campo da Literatura mostrava-se um espaço em que as leituras ampliavam e me faziam entender melhor as minhas experiências de vida.

Even-Zohar (2015:17) defende que a “literatura serve para proporcionar modelos de explicação do mundo, da realidade; por outro lado, funciona para proporcionar modelos de atuação”. Nessa perspectiva, a cadeira de Teoria da

Literatura II, ministrada pela professora Ana Boéssio, gerou meu contato com o segundo pilar fundamental para este texto, ou seja, o contato sobre o estudo do feminino, através de “Mulher e Literatura: história, gênero e sexualidade” (Zinani: 2010). O livro apresenta um conjunto de escritoras e suas protagonistas em relevantes obras literárias latino-americanas contemporâneas. As três seções: história, gênero e sexualidade, problematizam o olhar sobre o feminino e propõe a necessidade de outros olhares sobre as narrativas cujas tramas tecem imaginários diferenciados daqueles permeados por uma visão falocêntrica. A autora aproxima áreas do conhecimento humano como a psicologia, a antropologia e a história para apresentar as relações entre mulheres, homens e sexualidades não conformadas.

O terceiro pilar fundamental para meu trabalho de conclusão deu-se nas disciplinas de Literatura Portuguesa, em especial a III, ministrada pelo professor Luís Fernando Marozo. Foi neste momento que tive o contato com as literaturas lusófonas e com a autora Paulina Chiziane. Com a necessidade de escrever sobre um romance de um autor africano, fui apresentada a *Niketche: uma história de Poligamia*. Para a cadeira o meu foco foi no conceito de lusofonia e identidade, mas acabei dando mais ênfase ao uso da língua portuguesa pela autora moçambicana. Entretanto, a narrativa deparou-me com Rami, mulher que procura sobreviver dentro de um universo cultural complexo como o de Moçambique.

Posto isso, o resultado deste trabalho de conclusão vem de um processo reflexivo e de sensibilidade que desenvolvi no Curso de Letras, vem do conhecimento em relação ao estudo da história, do estudo de gênero e da leitura do romance *Niketche: uma história de Poligamia*, de Paulina Chiziane. Estas vivências acadêmicas que envolvem os estudos da literatura e do feminino possibilitaram que eu compreendesse melhor a amplitude e complexidade do “Ser Mulher” com seus papéis requeridos e suas múltiplas representações. Também, fez notar e requisitar o meu lugar enquanto mulher, além de entender a complexidade dos papéis que me eram postulados, sem que eu negasse ou quisesse sobrepujar o papel do homem. É necessário entender que o estudo do feminino é sobre “papéis determinados” por uma lógica patriarcal e não uma competição entre gêneros. Este equívoco ocorre porque a história de lutas e

conquistas femininas foram travadas no interior de uma sociedade machista¹. A mesma estrutura que subjuga mulheres, o faz também do ponto de vista de identidades que não se conformam dentro de sua lógica como, por exemplo, os LGBTQIA+. Como meu foco é o gênero, é necessário remontar a história desta identidade em especial.

As lutas das mulheres por seus direitos surgiram a partir do século XIX, principalmente na Europa e nos EUA, mas isso não quer dizer que estas lutas não existiram em tempos anteriores. Na França, Olympe de Gouges e na Inglaterra, Mary Wollstonecraft, são exemplos de pioneirismo. Gouges escreveu, em 1791, um documento denominado: *Declaração Direitos Da Mulher E Cidadã*, resposta à *Declaração dos direitos do Homem e do Cidadão*, de 1789, produzida no contexto das rupturas sociais, culturais e políticas, com argumentos de amplos aspectos para a validação da participação das mulheres nos direitos reivindicados pelos homens. Mary Wollstonecraft, por sua vez, escreveu: *Reivindicação Dos Direitos Da Mulher*, em 1792, em resposta à Constituição Francesa de 1791, pois esta não incluía as mulheres na categoria de cidadãos. Entretanto, as escritas destas pensadoras não surtiram efeitos imediatos.

Como é possível perceber nos exemplos acima, as teorias feministas não surgem alheias às conquistas da humanidade. Se Gouges e Wollstonecraft produzem seus escritos dialogicamente aos documentos fundadores dos direitos humanos e da democracia; as teorias da primeira onda, que ocorreu durante o século XIX, surgem na esteira do pensamento liberal. O feminino tinha como pauta principal a busca de seus direitos igualitários com os homens. As mulheres queriam o direito à igualdade por meio da educação e por meio de uma relação mais simétrica dentro do casamento. No âmbito político, surge o *Movimento Das Suffragettes*, com a organização de várias estratégias para ganhar visibilidade. Tal movimento ocorreu em vários países democráticos do mundo, entre o fim do século XIX e o início do século XX, com a finalidade das mulheres terem o direito ao voto.

O sufrágio feminino foi negado no início das eras democráticas, em razão de uma organização sexista da política, que mantinha o domínio político nas mãos

¹ A história de lutas e conquistas femininas será abordada no subcapítulo 1.3 Que mulher(es) sou eu: leitora teórica.

dos homens e excluía as mulheres com base na prerrogativa preconceituosa de que elas eram incapazes de atuar no meio político. As primeiras ações foram pacíficas, porém não resultaram na sensibilização da sociedade. Por isso, as sufragistas decidiram aderir a atitudes mais agressivas, com certo nível de violência para ganhar visibilidade social como, por exemplo, a depredação de propriedades. Esse modelo, ainda que negativo, surtiu mais efeito, pois despertou curiosidade da sociedade em relação a tais atitudes. Mulheres que não tinham conhecimento do movimento começaram a questionar-se porque não possuíam os mesmos direitos dos homens.

Um marco importante foi a morte da militante Emily Davison, em 1913, que com a intenção de colocar um broxe do movimento feminista no rei da Inglaterra, jogou-se na frente da carruagem real. Davison tornou-se uma Mártir e foi fundamental pelo direito ao voto, pois em seu funeral milhares de inglesas saíram às ruas de Londres carregando faixas reivindicando o direito ao voto. Foi a primeira grande passeata feminina da história e contribuiu para uma trajetória de mudança e de inclusão das mulheres na vida política.

Simultaneamente ao Liberalismo, o movimento *marxista* também contribuiu para as conquistas de gênero. Uma das pioneiras é a francesa Flora Tristán, escritora e ativista política. Ela produziu vários trabalhos, os mais conhecidos dos quais são *Peregrinations d'une paria* (1838), *Promenades en Londres* (1840) e *L'Union ouvrière* (1843). Tristán fez contribuições importantes para a teoria feminista marxista inicial, pois argumentava que o progresso dos direitos das mulheres estava diretamente relacionado com o progresso da classe trabalhadora. Em seus ensaios, Flora Tristan reconheceu a necessidade da libertação das mulheres para completar a emancipação da classe trabalhadora, visto que a própria classe estava fraturada. Ela argumentou que, uma vez que a sociedade conserte essas fissuras (direitos das mulheres), o resto se encaixaria. Nesse sentido, a libertação das mulheres levaria ao maior bem para o maior número de pessoas, apoiando assim uma mentalidade utilitária. Apesar de sua postura positiva em relação à libertação das mulheres, ela reconheceu que, na sociedade francesa pós-revolução, as mulheres não seriam facilmente consideradas iguais apenas porque eram seres humanos. Ela, portanto, teve que basear seu argumento em uma série de benefícios para a maioria masculina. Além de introduzir novas formas de pensar sobre o socialismo, Tristan foi

também a primeira a ligar o movimento emergente de direitos sociais à ideia de libertação das mulheres.

Em relação ao feminismo marxista, um marco significativo foi em 8 de março de 1857, quando operárias da fábrica de tecidos Cotton de Nova York, EUA, declararam greve contra as condições sub-humanas de trabalho a que eram submetidas. Elas trabalhavam de 14 a 16 horas diárias, recebiam um ínfimo salário, as condições de salubridade eram precárias, não havia nenhuma lei que as protegesse no tempo de gravidez e de parto. As operárias davam à luz, muitas vezes no interior da própria fábrica, adquiriam tuberculose e morriam em média aos 30 anos. Começaram então uma luta contra esta precarização e por uma jornada de trabalho de 10 horas. Não sendo atendidas em suas reivindicações, entraram em greve e permaneceram na fábrica. Contrariado com a atitude de suas funcionárias, o dono da fábrica, junto com a polícia, fechou as portas e ateou fogo ao edifício onde se encontravam 129 mulheres que morreram queimadas. Segundo a socióloga Flávia Rios, professora da Universidade Federal do Goiás: “No incêndio, morreram operárias num contexto em que feministas e trabalhadoras faziam forte mobilização pela igualdade na política e por melhores condições de trabalho”.

É também nos EUA, que o movimento feminino uniu-se aos homens que lutavam contra a escravidão. O movimento abolicionista alcançou mais resultados que o movimento das mulheres. Sojourner Truth, uma das maiores vozes do feminismo negro sobre o legado da militância abolicionista, foi pioneira na luta pelos direitos civis dos negros e das mulheres nos EUA. Trouxe o discurso do feminismo negro, com paradoxos diferentes. Em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, em 1851, era a única mulher negra. O mote de seu discurso foi “Não sou eu uma mulher?” Dentre as mulheres que participavam da reunião, ela foi a única capaz de replicar com agressividade aos argumentos, baseados na primazia masculina, dos ruidosos agitadores. O discurso “Não sou eu uma mulher?” foi o estímulo para implicações mais profundas em resposta às atitudes racistas das mulheres brancas presentes. Não foram poucas as mulheres em Akron que se opuseram tanto à presença como à voz das mulheres negras. Os opositores dos direitos das mulheres tentaram tirar vantagem desse racismo. A partir desse discurso, as mulheres negras passaram a compreender que possuíam demandas diferentes das mulheres brancas, pois o tratamento

entre as etnias era diferente. Esse cenário incitou o princípio do movimento negro.

Assim, na esteira das lutas masculinas, os movimentos femininos iam lutando internamente. No século XX com a ampliação das teorias, também ampliou-se a complexidade das abordagens sobre as teorias feministas. A pluralidade demonstra que não há um “Ser Mulher”, mas reafirmam a necessidade de organização em prol de uma mudança de estrutura que respeite as diferenças. De uma maneira sucinta, Sandra dos Santos (2012) apresenta sete abordagens diferentes que categorizam as teorias Feministas: Liberalismo, Marxista, Radical, Psicanalítico, Socialista, Pós-estruturalista/pós-moderno e Multicultural (terceiro mundo ou pós-colonial).

A Teoria Liberalista, como apresentada acima, buscava direitos políticos e direitos sexuais de igualdade e liberdade. Não eliminavam a desigualdade sexual, mas buscavam a equivalência sexual e a justiça de gênero. Na teoria marxista, as lutas das mulheres eram contra a sociedade capitalista e o liberalismo político, pois viam nessas perspectivas a exploração da dinâmica produtiva e reprodutiva das dinâmicas de gênero na organização capitalista e patriarcal da economia e da sociedade.

A Teoria Radical, que surgiu na década de 1960, já está dentro da busca por uma visão exclusiva da mulher. Esta é a que marca a visão na qual as mulheres “queimaram sutiãs”, pois buscava rejeitar os elementos associados à forma masculina de poder. A proposta de uma sociedade ideal, livre de distinções de gênero ou de sexo, consistente na subordinação feminina à dominação masculina. Ainda hoje quando se fala de feminismo, esta perspectiva radical é que vem à mente da maioria conservadora.

A escola Psicanalítica, tendo como base a psicanálise freudiana que difere o masculino e o feminino através da subjetivação de cada sexo nas relações e etapas da formação do sexual e psíquico do sujeito, considera que os indivíduos são criadores da sua identidade sexual como forma do seu desenvolvimento psicosexual. Por intermédio das contribuições de Freud acerca da feminilidade e sexualidade feminina Simone de Beauvoir (2019), referência dessa vertente, examina no livro *O Segundo Sexo*, obra de expressão no segundo marco do movimento feminista (década de 60), os possíveis caminhos que levaram o “Ser Mulher” à condição de “perdida”, questionando a existência e ocupação da

mulher posta secundariamente, representada no papel de Outro. Essa problemática tem como questão central a diferença. A cultura faz com que a mulher represente esta diferença em relação ao homem, de incompletude, carência ou até uma deficiência natural, não caracterizando-se por razões naturais e inatas, mas, sim, devido aos fatores social e histórico que levaram a mulher a essa condição.

A Teoria Estruturalista/Pós-Estruturalista, estabelece-se nas considerações francesas contemporâneas do conhecimento e da identidade. Remove do centro o sujeito racional do humanismo: subjetividade e consciência são resultados discursivos. Por outras palavras, o sujeito político normativo da teoria feminista pós-estruturalista aparece frequentemente como um sujeito liberatório, cuja proposta é conceituada sob o modelo binário da subordinação e subversão. Este pensamento, portanto, alude as dimensões da ação humana cujo estatuto ético e político não se enquadra na lógica da repressão e resistência, mas que sexo e gênero são práticas discursivas que estabelecem subjetividades específicas por meio de poder e resistência na materialidade dos corpos humanos. Essa vertente tende a embarcar as mulheres em uma situação de conflito com várias estruturas de autoridade. Algumas destas estruturas podem ser representadas através de ortodoxia religiosa; outras em normas do discurso liberal, na autoridade de pais e irmãos masculinos ou, finalmente, em instituições estatais. No entanto, a análise racional por trás destes conflitos não é o objeto de discurso, e, portanto, não pode ser entendido apenas por referência a argumentos a favor da igualdade de gênero ou resistência à autoridade masculina. Tão pouco as práticas destas mulheres poderão ser interpretadas como uma (re)inscrição de papéis tradicionais. No entanto, contrapor que, independentemente dos esforços destas mulheres, os efeitos práticos das suas ações podem ser analisados em termos do seu papel no reforço ou combate a estruturas de dominação masculina, mas são de fato constitutivos de diferentes modalidades de pessoa, conhecimento e experiência.

O feminismo socialista transpassa o argumento marxista clássico circundando as relações entre o sistema econômico e a subordinação das mulheres, percebendo a sua opressão enquanto classe trabalhadora, mas, também, enquanto mulheres, assimilando dialeticamente as vinculações de sexo e de classe. A estrutura de classes capitalista corresponde, como que

simetricamente, a estrutura sexual hierarquizada. Na primeira temos capitalismo que se opõe e domina a classe trabalhadora, na segunda temos o patriarcado que se opõe e domina mulheres e crianças. Desta forma, capitalismo e patriarcado, são ambos sistemas de exploração e entre ambos se estabelece uma relação de serviço mútuo, onde o sistema de valores instituído pelo patriarcado reforça, fundamenta e serve o controle capitalista. Nesse sentido, o movimento Socialista caracteriza-se na procura de uma identidade própria, do direito à educação, do direito de criar cultura, do direito de entrada em certas profissões, do direito de votar e de ser eleita, além de desenvolver um forte antagonismo à família enquanto instituição, atraindo mulheres que queriam desligar-se do seu papel tradicional de família.

A corrente teórica feminista do pós-colonial rastreia os papéis da mulher, silenciados historicamente, a fim de resgatá-los para romper com a universalização de conceitos e categorias, inclusive dos sujeitos, para melhor compreensão da sociedade. A mundialização, fenômeno do século XX, contribuiu com essa teoria, além de fomentar o hibridismo cultural e ideológico, estão presentes nos movimentos sociais e na construção de sujeitos pós-modernos, conforme Hall (2006). Movimentos estes que se dedicam para conseguir uma compreensão da discriminação, desigualdade social, luta pela emancipação da mulher, reverter imposições culturais e as reproduções (ir)racionais de papéis postulados por tradições.

A partir dessa teoria pós-colonial, trago como sujeito pós-moderno, a construção e materialização do meu argumento, inteligível, para aqueles que há muito reconheceram que os termos que as pessoas utilizam para organizar as suas vidas não são uma mera glosa de ideologias universalmente partilhadas acerca do mundo e do lugar de cada um no seu meio de interação sociocultural, mas são, de fato, constitutivos de diferentes modalidades de pessoa, conhecimento e experiência. Por esta razão, achei necessário, nas páginas que se seguem, atender com cuidado à lógica específica do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), um processo que é inerente às relações que são articuladas entre palavras, conceitos e práticas que constituem uma tradição discursiva particular de vivência e expansão própria.

Posto isso, para poder desenvolver a minha abordagem teórica, examinarei, através de *Niketche: uma história de Poligamia*, os movimentos histórico-

cultural/social/religioso e as representações do ser feminino através dos cenários e personagens.

2. Que(ais) mulher(es) são: A leitora de Niketche: uma história de poligamia

Menciono, novamente, Freire (1989) quanto à leitura de mundo para reforçar o sentido de que ela provocará e reverberará a continuidade nos sujeitos leitores o movimento de transformação para a prática consciente. Por esta razão, acho necessário situar o contexto narrativo de *Niketche: uma história de Poligamia*, de Paulina Chiziane (2022) e relacioná-lo com a história de Moçambique.

Niketche narra, em primeira pessoa, o casamento oficializado pela lei civil e pela igreja, com comunhão de bens, de Rosa Maria (Rami) com o seu marido Tony, um policial de alto patamar dentro da corporação policial de Moçambique. Ao vivenciar uma dificuldade com a vizinhança, em função de uma travessura do filho, Rami se ressentida por estar sozinha e vai buscar uma explicação para as ausências constantes do marido. Descobre, assim, que seu marido Tony mantinha relacionamentos extraconjugais com mais de quatro mulheres.

Rami, a primeira-dama, a rainha mãe, vai procurar as outras mulheres de Tony, a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda-dama, Luísa (Lu), a desejada, no lugar da terceira-dama, a Saly, a apetecida, quarta esposa, e a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém adquirida. Assim, a protagonista passa a ter conhecimento que seu marido é pai de dezesseis filhos, somando os seus com os das amantes. Consciente da ilegitimidade dos outros relacionamentos, uma vez que estes não eram reconhecidos dentro dos preceitos religiosos, monogâmico ou polígamo Rami, para a minha surpresa de leitora, solidariza-se pela condição inferior em que as mulheres e seus filhos viviam, e enfrenta situações para forçar o marido a assumir as outras relações. Neste processo, a protagonista (des)constrói e (re)constrói várias vezes sua visão de mundo e apresenta através das suas experiências uma identidade complexa sobre o “Ser mulher”.

As tais experiências não se dão apenas no âmbito pessoal, mas também nas conjunturas culturais que permeiam as personagens femininas do romance. Hall (2006) associa os símbolos e representações como discursos que

constroem sentidos e influenciam ações e formam concepções que temos de nós mesmos. Dessa forma, Rami não se resume apenas a uma mulher traída que busca conciliar seu mundo particular, pois ao ir em busca das outras mulheres de Tony, a esposa depara-se com outras formações culturais, outros modos de pensar o afeto; enfim, descobre outra Moçambique. É neste sentido, que dividi este capítulo em três partes: este que foca na figura da leitora e os dois seguintes, nas figuras da autora e da protagonista. A formação histórica de Moçambique, através da narrativa da personagem, relaciona-se com a experiência da autora; enquanto que as histórias das mulheres de Tony relacionam-se com Rami. A narradora protagonista em seu percurso narrativo passa por transformações tanto por deparar-se com a pluralidade do país (experiências de Chiziane) como por descobrir a multiplicidade do gênero e, conseqüentemente, suas vivências repercutiram em mim, como leitora.

3. Que(ais) mulher(es) são: A autora de Niketche: uma história de poligamia

Moçambique é um país localizado no sudeste africano e faz fronteira de norte a sul com a Tanzânia, o Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Suazilândia e a África do Sul. Hall (2006) define que a identidade de sujeito se constitui a partir das culturas nacionais. É no interior das representações de uma dada cultura nacional que as identidades são formadas e transformadas. Em *Niketche: uma história de poligamia*, Paulina Chiziane percorre a formação histórica de Moçambique e apresenta múltiplos movimentos identitários. Isso ocorre porque Rami, em seu percurso, conhece e convive com sujeitos que representam heranças de povos autóctones e de colonizadores (árabes e portugueses). Assim, o romance apresenta a beleza da multiculturalidade e das tradições moçambicanas, mas também a violência e a opressão que as mulheres enfrentam destas diferentes culturas.

O país em questão é composto por onze províncias, sendo sua capital, a cidade de Maputo, localizada no extremo sul do país, local este que é possivelmente a cidade em que vive a narradora personagem Rosa Maria e na qual Paulina Chiziane vive desde os seus seis anos.

Moçambique manteve contato com europeus desde o século XV, principalmente para trocas comerciais vindas do continente asiático. Sua população também sofreu com o tráfico de escravos que perdurou até finais da década de 90 do século XIX. Com as resoluções da conferência de Berlim, realizada em 1884/1885, Portugal permaneceu na região, utilizando o país como colônia até 1975, quando Moçambique finalizou a guerra de descolonização. Para Hall (2006) a nação é uma comunidade simbólica e produz um sistema de representação cultural, fazendo com que as pessoas participem da ideia de nação e pertencimento àquele local, criando um sentimento de identidade e lealdade. Entretanto, o romance de Chiziane apresenta um país com grandes diferenças na formação das identidades culturais por causa das migrações de povos antes e depois da colonização de Moçambique.

Existem grupos dominantes no norte e no sul de Moçambique, ambos com diferenciações culturais devido às migrações de antigos povos. Por exemplo, o grupo dominante no Norte do país são os macuas, os sena e shonas (principalmente ndaus) são proeminentes no vale do Zambeze e no Sul os tsongas são predominantes. Outros grupos incluem os macondes, WaYaos, suaílis, tongas, chopes e ngunis (incluindo zulus). Povos bantos compreendem 97,8% da população, enquanto o restante, incluindo africanos brancos (em grande parte de ascendência portuguesa), euro-africanos (mestiços de povos bantos e portugueses) e indianos. Cerca de 45 mil pessoas de ascendência indiana residem em Moçambique. No romance, as mulheres de Tony são originárias de várias localidades moçambicanas como em Inhambane, na Zambézia, em Mampula, e em Cabo Delgado, mas a ação principal se passa no sul de Moçambique, na cidade de Maputo, capital. As origens das esposas de Tony configuram as personificações das culturas de Moçambique, evidenciando os micros e macros costumes, religiões, hábitos e identidades culturais dos diferentes povos, formando comunidades simbólicas e produzindo sistemas culturais representativos, fazendo com que as pessoas participem da ideia de nação e pertencimento àquele local, criando um sentimento de identidade e lealdade.

Neste sentido, o país é composto por diversos grupos de diferentes etnias, que se estabeleceram na região há centenas de anos. Esses grupos falam distintas línguas, sendo hoje as mais usuais o Emakwua no centro norte e o

Xixangana no sul. O pai de Chiziane lhe ensinou a se comunicar por meio do chope, um idioma ligado ao grupo étnico ao qual pertencia a sua família. Além disso, Chiziane aprendeu a língua ronga, em Maputo, e também o idioma português quando iniciou seus estudos em uma escola católica. Entretanto, a sua obra é utilizada, preferencialmente, o português. A lusofonia possibilita uma identificação com uma comunidade que transcende Moçambique. Através de Rami, Chiziane nos convida a refletir sobre as tradições culturais e as desigualdades de gênero que ainda persistem naquela sociedade; além disso, reconhece a importância da força e da resistência para lutar pela liberdade e pela ampliação dos direitos do sujeito feminino. A protagonista depara-se e contraria conceitos, definições e discursos de uma cultura predominantemente masculina que responde através de punições. Ao não se conformar com tal realidade, a narradora contesta e tenta reverter imposições culturais e reproduções (in)conscientes de papéis postulados por tradições às mulheres.

Este caráter revolucionário da narradora estende-se à autora, pois Chiziane faz parte do Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (Nafeza), organização não governamental criada em 1997, na cidade de Quelimane. Em *Niketche*, a construção das personagens contribui para a reinterpretação e protesto diante da realidade das mulheres moçambicanas, uma vez que abre espaço para importantes reflexões, como a luta pelos direitos, o processo de autoconhecimento e a necessidade das mulheres superarem suas diferenças em prol uma sociedade mais justa para o gênero, aspecto que ressalta no contexto da narrativa. Tais reflexões reforçam o papel político do romance, cujas proposições vão além de uma mera representação social de Moçambique, à medida que induz ao debate sobre temas que singularizam a história social e das mulheres do país.

A narrativa foca na situação complexa da personagem Rami, mas é possível recuperar momentos históricos importantes, como a independência de Moçambique que ocorreu em 1975, depois de anos de luta armada entre guerrilheiros moçambicanos e soldados portugueses. É importante ressaltar que Chiziane, em sua juventude, atuou na Frelimo, a Frente de Libertação de Moçambique, responsável pela luta em prol da independência do país. Em *Niketche* é denunciada as violências resultantes das guerras para as moçambicanas, nortenhas e sulistas, uma violência singular e social nas

mulheres. Como exemplo coletivo e caracterizador da violência à mulher, destacamos uma personagem feminina, sem nome e identificação. Ela, que estava presente em uma roda de conversas informais que Rami participava no mercado público, contou que carregou em seu ventre o fruto de abusos das guerras do país, uma das muitas consequências que o corpo da mulher pode conceber. Gerou cinco filhos, sendo que o primeiro, um mulato esbelto, foi fruto de um português que a violou durante a guerra colonial; o segundo, preto elegante e forte como um guerreiro, foi resultado do estupro, agora por um guerrilheiro da libertação da mesma guerra colonial. O terceiro, outro mulato, filho de um guerrilheiro dos rodesianos brancos, que fulminaram as bases dos guerrilheiros do Zimbabue. O quarto filho é fruto da forçosa relação com um rebelde que participou da guerra civil no interior do país. O quinto foi gerado com um homem com quem se relacionou, pela primeira vez, por amor. Os quatro filhos, frutos de abusos, não separam homens negros/brancos, guerrilheiros/soldados estrangeiros/moçambicanos, pois a violência perpassa todos eles. A mulher, além da perda de filhos e maridos, sofre ainda os efeitos da guerra em seu corpo. Estes filhos da guerra representam simbolicamente o encontro e conflitos de diferentes sujeitos na formação do país.

Na Guerra Colonial, os ideais do partido no poder, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), bem como os das forças armadas moçambicanas eram violentamente opostos aos da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que recebia financiamento da Rodésia e, mais tarde, da África do Sul. Durante o conflito, cerca de um milhão de pessoas morreram em combates e por conta de crises de fome. Além disso, cinco milhões de civis foram deslocados e muitos sofreram amputações por minas terrestres, um legado da guerra que continua a assolar o país. Nesse sentido, observamos na narrativa ficcional do romance de *Niketche* a história das guerras que marcaram (e marcam até hoje) a complexidade identitária moçambicana nos filhos de uma personagem feminina. Se na guerra colonial Chiziane fez parte da (FRELIMO), na guerra civil trabalhou como voluntária na Cruz Vermelha e conheceu de perto a realidade do conflito. Neste sentido, as vivências da autora estão presentes de forma latente no romance. Quando Rami conta a história da personagem feminina sem nome, a autora utiliza da voz da narradora para apresentar a violência como um traço, não apenas da história dos filhos daquela personagem, mas de um país. Isso

fica evidente porque os filhos, o primeiro e segundo, representam a história da Guerra Colonial, ou Guerra de Libertação, (designação mais utilizada pelos movimentos de libertação africanos), o período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas colónias — Angola, Guiné-Bissau e Moçambique — entre 1961 e 1974. Apercebida no terceiro filho, a Guerra Civil de Rodésia, também conhecida como a Segunda Chimurenga (termo shona que significa luta revolucionária), foi uma guerra civil na antiga Rodésia (atual Zimbábue) de julho de 1964 até 1979 após a declaração de independência e a formação de um governo de minoria branca para lidar com a guerrilha africana de ideologia marxista. Identifica-se no quarto filho a *Guerra Civil Moçambicana* (também conhecida como Guerra dos Dezesesseis Anos em Moçambique), iniciada em 1977, dois anos após o fim da Guerra de Independência de Moçambique. O último filho é uma demonstração que entre a violência também houve sua parcela de amor. Assim, os cinco filhos podem ser, hipotetizo, uma metonímia do próprio povo moçambicano, resultado de sucessão de guerras e de violações.

Além das marcas das guerras nos corpos femininos, o romance denuncia a reverberação das desigualdades sociais que evidenciam ainda mais a pobreza de famílias do norte ao sul. A recessão econômica e social, resultante do totalitarismo marxista, da corrupção política, da pobreza, das desigualdades econômicas e da ausência de um planejamento central, aparecem como pano de fundo no romance. Esse cenário é exposto, por exemplo, em uma reunião familiar para discutir a poligamia e os deveres de Tony. O porta voz da reunião, irmão mais velho de Tony, contrasta as diferenças religiosas, culturais entre o norte e o sul de Moçambique, mas Rami atenta a todos os detalhes traz em seu fluxo de pensamento as mazelas que todos sofrem, nos campos, onde o milho foi calcinado pelo sol, as crianças choram de fome e os pais de família perderam seus empregos. Além disso, os filhos contraíram *SIDA* e desfazem-se como cadáveres. Filhas mais novas amantizaram-se com brancos estrangeiros, engravidaram, e os brancos partiram para as suas terras, abandonando-as. No Norte, o rio Zambeze derramou as suas ondas que mataram lagartos, capim, formigas, pessoas e arrastaram crocodilos do seu leito para as aldeias; crocodilos estes que se escondem na pestilência dos lodos e comem crianças. No Sul, os jovens consomem drogas, não vão à escola, violam mulheres e

roubam carros. Alguns dos homens foram guerreiros e libertaram o país, mas não tinham as mínimas condições de vida e muito menos um pedaço de terra para construir a sua morada. Ex-guerreiros que perderam sua dignidade e vivem debaixo de uma árvore onde destilam aguardente, que bebem para esquecer, traficam as filhas, para o sexo, e vendem *soruma*, *cannabis sativa* cuja as folhas os negros usam para fumar. Chiziane, que nasceu em 04 de junho de 1955, na cidade de Manjacaze, uma vila moçambicana, criou-se diante desta realidade que não cessou mesmo com o término do conflito em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz pelo então presidente da república Joaquim Chissano e Afonso Dhlakama, então presidente da Renamo.

A autora, filha de pais protestantes e nascida no Sul, colonizada por portugueses, guarda uma identificação com Rami, pois a protagonista do romance é casada com Tony nos moldes cristãos. Entretanto, o casamento em Moçambique demonstra uma multiculturalidade, pois existem diferenças culturais significativas entre o Sul, o Centro e o Norte.

O *lobolo*, por exemplo, é uma espécie de pagamento, no qual a família do noivo dá para a família da noiva bens em troca do casamento. Esta prática difere-se do dote, como é conhecido na Europa, porque ocorre de forma contrária. Na tradição europeia é a família da noiva quem entrega os bens para a família do noivo. Para além da questão do pagamento em si, o *lobolo* compreende não apenas uma forma de agradar a família da noiva, ou de mostrar poder, mas também um modo de se fechar alianças, bem como de reconciliar tanto problemas do presente quanto do passado em relação aos ancestrais. Com isso, o pagamento é imprescindível para a cerimônia e foi se modificando de acordo com o contexto histórico. Ao pensarmos mais nas questões de compensação coletiva, para os clãs ao sul de Moçambique o casamento não era um rito individual, mas sim, uma espécie de contrato entre dois grupos: a família do noivo e a família da noiva, um lado perde um membro e o outro ganha um integrante. Dessa maneira, para compensar a perda do primeiro grupo, exige-se o *lobolo*. As trocas ocorrem de modo voluntário, mas na verdade são obrigatórias, pois caso o *lobolo* não seja pago, acarretará diversos problemas e desavenças sociais, e o casamento será entendido como incompleto. Isso ocorre porque segundo as crenças os antepassados sentir-se-ão ofendidos, o que ocorrerá como consequência, maus momentos para o casal e para a família que

o cerca. Além disso, o homem que não *lobola* a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos, porque é considerado um sujeito inferior (menos homem, menos pai). As mulheres que não foram loboladas, nem *post mortem*, não tem pátria e são rejeitadas nas cidades de origem paterna, ou seja, recebem o tratamento como se fossem indigentes; seus filhos não têm pátria e são identificados com o apelido materno, não possuem o direito de herdar as terras do pai ou da mãe.

Nesta organização familiar, as mulheres sofrem porque apesar de a esposa adquirida pelo clã não tornar-se uma escrava, por outro lado, torna-se propriedade do grupo familiar, para o bem da coletividade familiar. Neste sentido, estas práticas não são menos opressivas em relação à situação da mulher, que ainda vive sob um regime de caráter patriarcal. No projeto de Lei da Família, feito em Moçambique em 1978, a discussão sobre o papel da mulher na sociedade tem sido revisto. Tal projeto prevê que o casamento não pode ser mais visto como um negócio e nem como um sistema de trocas materiais, deixando claro, então, que o Estado iria combater essas práticas. Entretanto, historicamente o lobolo não acabou, apenas passou por adaptações. Uma delas é a tendência em combinar diferentes tipos de casamentos para que se legitime perante diferentes instâncias, praticando tanto o lobolo, como o casamento civil e também o religioso. Assim, o casamento civil define uma relação entre os casais e o Estado (lei civil), o casamento religioso uma conexão com Deus e o lobolo, por sua vez, seria um ato que estabelece uma relação entre o casal, as famílias e os antepassados.

Em Niketche, por exemplo, Rosa Maria é casada com Tony na jurisdição da Lei Civil e da Igreja, com comunhão de bens, mas esses direitos não foram os mais importantes frente à tradição enraizada no falecimento do marido. Percebe-se a superioridade da tradição à Lei Civil quando supostamente Rami torna-se viúva e, antes de dar-se conta, a família do falecido apodera-se de todos os bens materiais e recursos financeiros, deixando-a à mingua. Nesse contexto, é possível afirmar que a mulher, em Moçambique, possui “direitos” enquanto o marido viver. Além de constatar, então, que o lobolo continua a construir uma prática em Moçambique, ao inserir o indivíduo em uma rede de relações de parentesco, de alianças, tanto com vivos e quanto com os antepassados, é, também, o recurso que garante ao homem o direito de posse à mulher, pois o

homem é quem casa, a mulher é casada. Uso de exemplo os lobolos que Tony conferiu as suas quatro amantes, garantindo-lhe cinco esposas, casamento polígamo, autenticando as novas esposas, as que antes eram amantes, o emblema de mulheres dignas de um lar e com filhos reconhecidos conforme as Leis da tradição.

Para Hall (2006), a cultura de um povo está intrinsecamente relacionada à sua identidade, já que as pessoas que fazem parte de cada sociedade e suas respectivas culturas são constantemente expostas ao conjunto de conhecimentos que formam as práticas culturais. Dessa maneira, no romance a cultura tem grande influência na formação da identidade de gênero, pois as mulheres moldam-se segundo suas práticas e costumes. A riqueza de Rami dá-se pelo fato de que por via da traição reconhece um conjunto de práticas que não tinha conhecimento.

As práticas religiosas e os costumes culturais diferenciam as mulheres do Norte (influência mulçumanas) das do Sul (influência cristã), o *lobolo* (influência tribal) no Sul, e os ritos de iniciação (influência tribal) no Norte. Isso fica evidente nas conversas entre Rami e Mauá, a outra esposa de Tony, quando refletem sobre o crescimento e amadurecimento de homens e mulheres e a morte.

No Norte, por exemplo, os ritos de iniciação são irrevogáveis para que as crianças tornem-se gente. Os filhos que, por acidente, nascem antes dos ritos dos pais, são considerados inexistentes. Estes sujeitos, tanto homens como mulheres, não podem casar-se, e se casarem logo são abandonados pelo cônjuge. Também, não é permitido que participem de funerais, inclusive de seus familiares e filhos.

A morte, por sua vez, é cultuada de diferentes formas entre os sulistas e nortenhas moçambicanos. No Norte a morte é digna e solene, com seriedade são apresentados todos os símbolos de poder do falecido como, por exemplo, fardamento militar, bandeiras, patentes, água mineral, telefones celulares, títulos acadêmicos, carros de luxo. No Sul o funeral conserva-se com o cortejo fúnebre, com o padre, com perfumes, flores, véus, cânticos e carpideiras. Após o funeral, realiza-se a cerimônia de *kutchinga* (denominação da região Sul) para a purificação sexual da viúva. As normas sociais que estabelecem os princípios e os padrões dos ritos de purificação estão relacionadas com a ideia que se a saúde e as relações sociais, vivos e espíritos dos mortos não funcionam de forma

independente, sendo antes parte de um mesmo processo global integrado. Com isso, a ideia de purificação/limpeza dentro do contexto sociocultural é uma espécie de continuidade da vida da comunidade, aceitação de que fatos naturais como a morte fazem parte do mundo dos vivos, daí a crença da influência do espírito dos antepassados na vida dos vivos.

Não existe um padrão que dita as normas de purificação da viúva, sendo o ritual marcado pela realização de relações sexuais entre a viúva e um familiar do falecido marido, ou outro homem desde que escolhido pelos membros familiares. A cerimônia de *kutchinga* é decidida após a morte de um homem casado e normalmente em reunião familiar com a presença de pessoas idosas da família. Na região Norte do país existem práticas de gênero designadas por *Epuko*, também uma cerimônia tradicional realizada quando um dos cônjuges morre. Se é o marido, a mulher não pode voltar a ter relações sexuais sem que antes se tenha submetido a este ritual segundo o qual o homem tem de ejacular em uma toalha ou capulana. Ressalta-se que em ambas cerimônias não são usados preservativos porque culturalmente é caracterizado como anulador da purificação.

Neste sentido, *Niketche: uma história de poligamia (2022)* apresenta a prevalência da voz feminina e um olhar crítico em relação aos costumes do país reconfigurando a tradição. Além disso, é possível pelo percurso da protagonista, apre(e)nder a diversidade cultural de Moçambique.

4. Que(ais) mulher(es) são: A protagonista de Niketche: uma história de poligamia

O apelo para a compreensão da coerência de uma tradição não significa necessariamente uma desculpa da própria tradição, nem um argumento a favor de essencialismo inflexível ou relativismo cultural. Pelo contrário, entender a lógica da tradição é um passo necessário para compreendermos a força das reverberações em nossas histórias, além da formatação/expansão da subjetividade feminina.

Simone de Beauvoir escreve, em 1949, um dos textos fundamentais da teoria feminista, *O segundo sexo*, que serve para a minha análise do

personagem protagonista. A obra divide-se em dois volumes: o primeiro aborda os *Fatos e Mitos* para o entendimento da condição feminina e no segundo analisa a experiência vivida nas dimensões sexual, psicológica, social e política. Para refletir sobre a protagonista Rami e suas estratégias para sobreviver dentro das tradições culturais de Moçambique abordarei as dimensões psicológica, econômica e sexual, pois é no confronto e no interior das tradições que Rami vai se reconfigurar porque é a partir da experiência vivida da personagem que eu, enquanto leitora, compreendo as implicações culturais que ecoam no domínio individual e social da mulher.

Em seu sentido psicológico, o sujeito perpassa por numerosos caminhos, (re)descobrendo-se em diversas situações. Isso faz com que pratique a autorreflexão, movimentações do ir-e-vir, que sugerem, talvez, um possível (re)planejamento identitário a partir do passado e de suas experiências vividas. Com base nisso, o homem sempre buscou dar sentido aos sentimentos, legitimando-os através do significado e da significância de sua vivência, seja singular ou coletiva. O processo de construção da identidade do feminino perpassa por todas as etapas da vida, e através dos laços familiares, culturais e sociais que são moldados. Todos em um momento da vida nos perguntamos: quem sou eu? Qual é o meu propósito? O que eu gosto? O que eu não gosto? No mundo literário de Rosa Maria não seria diferente, ao narrar a verossimilhança sobre a vida das mulheres, personagens femininas carregadas de sentimentalismos robustos nos amores, nos ciúmes, nas tristezas, nas alegrias, nos temores, nos desejos, pego-me pensando nos fluxos de pensamento que a protagonista, imersa no seu feminino, busca apre(e)nder: o que é ser mulher? Como eu me defino ser mulher?

Conforme Beauvoir (2019), todo o indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender. O que determina a situação da mulher é que, existindo, como todo o ser humano, autônomo, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do *Outro*. Essa condição é uma das grandes inquietações que a protagonista demonstra através de suas conversas duais em frente ao seu espelho ou em seus fluxos de pensamento. Ressalto, contudo, que a minha hipótese interpretativa sugere que a busca pela identidade de Rami não se dá em oposição ao masculino, mas como sugere Hall (2004) pela diferença interna,

ou seja, pela reconfiguração do “Ser Mulher” em contraste com os outros universos femininos, ou seja, o primeiro aponta para o feminino com visão masculina, de esposa, mãe, cumprindo culturalmente o seu papel imposto sem questionar suas vontades, direitos e deveres; o outro reproduz o seu feminino perdido, remetendo ao seu ser mulher que atende primeiramente a suas vontades, desejos e reivindica seu espaço como sujeito inserido em uma cultura com influências. Assume-se, então, a gêmea de si, a primeira personificação é um fosso de tristeza, com sombras, corpo gordo e pesado, mal cuidada, olhos tristes e chorosos, exalando amarguras, desamor e fraqueza; a outra refletida no espelho surge como uma mulher feliz, que irradia luz, que tem lábios de felicidade, com o corpo magro e leve, aparência bem cuidada. São esses desassossegos que entornam o seu descentramento de não reconhecer-se, duvidar de si ao ver-se.

Rosa Maria não tinha aspirações para sua vida, suas vontades eram as vontades que lhe ensinaram, ou seja, viver para o marido e para os filhos. Dentro de sua cultura familiar ensinaram-na que uma mulher boa é ser uma esposa zelosa, mantendo diariamente a limpeza e a organização da casa, com as roupas lavadas e passadas, com os filhos higienizados, e a comida sempre quente à mesa, independente do horário de chegada do marido, e, principalmente, o silêncio, ou seja, uma mulher é sinônimo de obediência, resignação, sacerdócio. Contudo, após vinte anos de matrimônio, seguir esses preceitos não garantiu-lhe uma vida feliz e amorosa, pelo contrário, não se reconhecia; além de perceber a ausência, a falta de amor para si e para os filhos. Logo o que aprendera sobre “ser mulher” não estava dando certo. Dessa forma, certezas não foram definidas, mas, sim, um caminho foi lançado com “[...]. De repente lembro-me de uma frase famosa – ninguém nasce mulher, *torna-se mulher*” (Niketche, p. 35, 2022). Com uma das frases mais conhecidas, Rami, em seu fluxo de pensamento, me retorna à Beauvoir (2019) para adentrar no campo psicológico dos personagens femininos para experienciar os sentimentos complexos da psique, lançando-me a uma das discussões da teoria feminina que é a determinação e a diferenciação da mulher em relação ao homem, e não obstante, representam o feminino, sem exceção, à parcialidade, ou comumente ao “Outro.

Segundo Hall (2004), a modernidade pode ser definida como uma força altamente reflexiva sobre a vida. Percebo, na construção da personagem Rami a abertura de espaços para discussões de diversas reinterpretações de papéis do feminino, diante das vivências das mulheres, uma vez que as reflexões sobre o processo de autoconhecimento aparecem simbolicamente em seu fluxo de pensamento e representações do seu *eu* em frente ao espelho. É possível identificar esses movimentos de inquietude ao confrontar-se na busca de olhar para si e se reconhecer, principalmente, genuinamente, ou seja, reconhecer-se em suas realizações, pensamentos e desejos sem interferências de representações de papéis postulados ou inquiridos. Para isso, buscou, incessantemente em si, respostas através de indagações para o seu *eu* em frente ao espelho, em uma dicotomia do que ora, em um vislumbre, era uma mulher com o rosto feliz, com um sorriso que refletia uma mensagem de alegria, além de estar magra e bem cuidada, e ora, em outro momento, era uma mulher com a cor da pele semelhante, mas de corpo gordo e aspecto pesado, mal cuidada, com os olhos e o sorriso tristes, como se fosse um fosso de tristeza. Esses trechos da personagem em frente ao espelho, podem representar a busca da (re)construção identitária, porque, simbolicamente, o espelho configura dois sujeitos, o *Outro* e/ou o *eu*, disposto a transmutar a posição de ocupação incompleta para o vislumbre de sua completude. Esse requerer de Rami interpela o resgate das representações identitárias, perseguidas pela protagonista, porém orientam-se com certa desestabilização, de forma que a ausência de um sentido de si remete à sua descentralização tanto em nível social quanto pessoal. Comportamento, o qual, indica uma crise de identidade, não mais unificada e estável, mas múltipla, de modo que várias identidades contraditórias coexistem.

Os acontecimentos descritos nos possibilitam um sinal de uma mulher envolta em fatos que indicam questionamentos sobre sua existência, de forma que a reflexão motivada pelo retorno ao passado, entre o *eu* do passado e o *eu* atual, revela a intenção de reavivar a própria vida. Em meio a um caminhar ininterrupto, Rami concebe-se como sujeito atuante diante de uma crise de representação, percorrendo rastros de um passado ainda presente em seu cotidiano, o qual, sem os ajustes necessários, inviabiliza o acesso a um futuro em harmonia com as profundas camadas do seu ser. Em outras palavras, a

protagonista do romance está em busca do protagonismo de sua vida, mas, como, então, alcançá-lo?

Um acesso concreto para conquistar a libertação identitária do sujeito feminino se dá pela autonomia econômica, ou seja, uma mulher financeiramente independente. Beauvoir (2019) propõe que foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem e que só com o trabalho ela pode conquistar a autonomia efetiva. Ela enfatiza que muitas mulheres, mesmo entre as que exercem os ofícios mais modestos, têm consciência da importância de serem independentes economicamente para conseguirem ser mais livres e plenas. Não por acaso que no romance um dos motes transformadores para as mulheres de Tony foi sua fuga. Quando estavam reunidas relataram que este elemento foi transformador porque era o masculino o responsável pelo sustento e manutenção familiar. As “esposas” não tinham condições nem de comprar o básico como sal e carvão. Assim, a dificuldade enfrentada para terem acesso a ele não era por necessidade apenas de afeto, mas para lhe pedirem dinheiro, para o seu sustento e de seus filhos. Posto isso, o cenário reverteu-se quando a terceira esposa, Lu, falou “temos que trabalhar” (Niketché, 2022, p. 115).

Cabe destacar as condições domésticas e financeiras de cada personagem feminino até suas emancipações monetárias. Culturalmente, em Moçambique, as mulheres sulistas e nortenhas são diferentes economicamente. A mulher do sul, como a personagem principal, é econômica, não gasta com nada, poupa o dinheiro em todas as situações; não é consumista, em sua grande maioria, adquire um vestido por ano. A nortenha, ao contrário, consome muito mais com artigos de beleza porque devem estar sempre belas, assim, há um gasto considerável com rendas, com panos, com ouro, com cremes e afins. Essa diferença nas vaidades femininas fica evidente quando a protagonista encontra a primeira amante do comandante de polícia, Julieta, com as unhas pintadas e bem tratadas, os cabelos desfrisados e bem cuidados, a roupa, com decote à mostra, foi feita por uma costureira selecionada; enquanto a protagonista tem o couro cabeludo encarapinhado, ralo, veste roupas de fábrica ou roupas de segunda mão, sem decotes, sem adornos e artifícios, porque o uso é “proibido” pelo marido. Conheceram-se porque Rami decidiu ir atrás de seu esposo, pois não aparecia em casa há alguns dias, e por uma situação que o filho deles,

Betinho, quebrou o vidro de um veículo, se viu sem o amparo e segurança do marido para resolver e pagar pelo prejuízo causado. Porém, descobriu que Tony não visitava Julieta fazia sete meses, então foi à procura da segunda amante. Encontrou Luísa em casa, outra nortenha, da Zambézia, mulher de voz meiga, com gestos suaves, passos leves, detentora de um sorriso encantador, com cabelos desfrisados, unhas pintadas de vermelho tomate, vestindo vestidos de seda com cores em tons avermelhados, pele perfumada, aparentando elegância. Esta recebia o salário e a presença do amante, Antônio Tomás, quando ele tinha vontade. Esta era totalmente dependente do amante porque estava desempregada. Tony a espancava quando estava bêbado, castigava-a trancafiando-a em um quarto escuro, sem comida. A terceira amante, Saly, uma maconde nervosa, pobre, sem pai, sem emprego e sem dinheiro, recebe a visita do comandante uma vez ao mês. A quarta, Mauá Sualé, uma macuazinha, foi descoberta pela falha na assistência do sustento de Saly. Mauá, também nortenha, a mais nova e amada de todas, com menos de vinte anos, com aparência de uma flor silvestre. Dentro dessa perspectiva, Rosa Maria decidiu reunir as mulheres rejeitadas para traçar um plano forçando o comandante da polícia a assumir suas responsabilidades e compromissos financeiros e amorosos com as suas cinco mulheres.

No aniversário de cinquenta anos de Tony, Rami conseguiu oficializar o casamento poligâmico, com todas as mulheres reivindicando seus espaços. Inclusive, as mulheres e filhos foram lobilados, garantindo os direitos aos filhos e o dever de pai. Porém, em repúdio, Tony se esconde de suas mulheres, fugindo dos acordos de manutenção financeira. Nesse momento, a protagonista assumiu o papel de investidora e ativa ao financiar o início de cada irmã-mulher. A Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, virou empreendedora no ramo da beleza, começou a desfrisar os cabelos negros na varanda de sua casa, após angariar clientes, abriu um salão de cabeleireiro no centro da cidade (Maputo), e empregou outras mulheres, não deixando de atender, na varanda de casa, as que necessitavam. A Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda-dama, virou comerciante de bebidas alcoólicas na rua; após de estabelecida conseguiu fazer um pequeno armazém de bebidas a grosso. A Saly, a apetecida, quarta esposa, virou comerciante no ramo alimentício, no início comprava cereais em sacos e vendia em copos nos mercados suburbanos, foi a primeira esposa a

devolver o dinheiro à Rami, com juro e uma prenda, em forma de agradecimento; depois de levantar um capital significativo, construiu uma loja, vendendo bebidas por grosso, tendo um café e um salão de chá. Rami, a primeira-dama, a rainha mãe, e Luísa (Lu), a desejada, no lugar da terceira-dama, juntaram-se como irmãs de amor, esposas do mesmo homem, e empreenderam no ramo atacadista de roupas; começaram a vender roupas femininas no mercado da esquina com uma grande clientela; depois de seis meses, cada uma com o capital adquirido, abriram lojas para vender roupas novas.

Assim, cada uma delas buscou sua independência econômica, e reservaram-se ao direito de não fornecer nenhuma parte dos seus ganhos ao Tony, garantindo o mínimo de segurança para comprarem o pão, o sal e o sabão sem precisarem suportar a humilhação de pedir o mínimo ao marido. Como defende Beauvoir:

Quando a mulher é produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade (BEAUVOIR, 2019, p. 503).

A conquista econômica para as mulheres de Tony serviu como um primeiro passo para sua independência. Esta perspectiva aproxima os ensinamentos de minha mãe com a perspectiva de Simone de Beauvoir (2019) e de Chiziane. *Niketche* fomenta e fortalece a convicção de que um dos caminhos para a libertação do feminino dá-se a partir do domínio e controle de seus recursos financeiros, destronando, assim, a cultura patriarcal e começando a afirmar concretamente sua independência.

A sexualidade, outra afluência para a libertação do feminino, foi outra ferramenta que possibilitou para a protagonista a transformação de sua subjetividade. Para Beauvoir (2019), a sexualidade não é definidora de um destino, mas manifesta uma totalidade do processo contribuidor para definir. O percurso que contribui a (re)definição sobre a sua sexualidade e o amor para Rosa Maria teve início em aulas de amor e sexo. Nomeados como ritos de iniciação para a mulher, a protagonista busca conselhos de mulheres de todas as idades e com graus de intimidade diferentes, a fim de salvar o seu casamento; ouve todos, inclusive indicaram-na a ir a um curandeiro, porém, preferiu ir a uma

famosíssima conselheira amorosa que morava no centro da cidade, em um lugar mais reservado. Os ritos de iniciação são culturalmente realizados na região Norte de Moçambique, e o Lobolo no Sul, pois a pressão do regime colonial foi muito mais forte nessa região. Nos ritos de iniciação ensina-se sobre o amor, a sedução, a maternidade, a sexualidade e a sociedade; ensinamentos básicos sobre a filosofia da boa convivência. Até então, em vinte anos de casamento, teve unicamente um homem e não conheceu muito além dos estudos do aparelho reprodutor e ciclo menstrual. Sem conhecer nada sobre a vida a dois, descobriu os segredos na anatomia do corpo feminino, a existência de dois corações, o superior e o inferior, e por vezes o terceiro, quando tem-se um filho no ventre. Também, aprendeu o significado do amor, o verbo significa partilhar porque a mulher é fertilidade, e que os homens nortenhos são ensinados, desde a infância, a tratar a mulher como a própria mãe, porque a mulher é luz e cor, é a criadora da vida. Além de utilizar a simbologia da natureza e dos animais para a felicidade como, por exemplo, as cores e seus contrastes, os animais e seus modos de atrair as presas, preferências culinárias afrodisíacas, explorou, também, os sentidos do corpo como o toque para de amaciar ou tornar a pele rugosa e gostosa, a audição e o timbre da voz em melodias cantadas quando se fala, a maneira de caminhar quebrado para visualmente apresentar as curvas do corpo feminino para acender a chama do amor e da vida.

Todos os aprendizados ministrados nas aulas são referentes às técnicas ancestrais para estimular o prazer da mulher e do homem. Entusiasmada, a protagonista revela seu desejo em experienciar os ensinamentos com alguém diferente, pois o marido já conhece-a. O apetecer da protagonista de *Niketche: uma história de poligamia (2022)* nada mais é que natural, como defende Beauvoir (2019) quando aponta que a mulher não se define em sua fisiologia (hormônios) ou instintos e sim pela maneira por que reassume, através de consciências alheias, o seu corpo e sua relação com o mundo. Decidida a pôr em prática o segundo nível sobre as aulas especiais, veste-se com cores vibrantes e prepara-se em banho de *musiro (raiz)* para o marido Tony, porém, recebe ações de escárnio, desgostando-se. Conforme foi descobrindo as ações do marido, Rosa Maria pôs em execução outras táticas como, por exemplo, comidas, carinhos, fantasias, tatuagens, a fim de reverter o interesse sexual e amoroso para si, mas sem sucesso. Foi, então, na festa de aniversário do filho

de Luísa, irmã de casamento, ao ver um homem que a excitou-a aos olhares que teve a sua primeira relação sexual, conhece, assim, o seu primeiro amante; Vito, também amante de Lu, que o empresta em gesto de solidariedade e agradecimento. Outra relação sexual marcante que Rosa Maria vivencia acontece após a reunião conjugal na casa de Saly, onde toda as esposas enfrentam António Tomas, pela primeira vez, sem medo, após descobrirem que ele estava se relacionando com a Eva, personagem mais clara, independente financeiramente e sem marido, fora do casamento polígamo. Em um ato de união e reivindicação de seus direitos, colocam Tony em um quarto e unem-se nuas para mostrar o que valem cinco mulheres juntas. Outra experiência sexual, na direção final do romance, muda a vida da protagonista, inclinando-a para a sua transformação feminina.

Após reviravoltas, Tony desaparece sem dar notícias, e confundido com um defunto, é dado como morto. Com o marido “falecido” e ao chamamento cumpridor da tradição moçambicana a, então, viúva Rosa Maria tem sua vida decidida pela família de Tony. Através de uma reunião familiar do falecido, com a presença de candidatos a realizar a purificação sexual, o irmão de António Tomás, Levy, é escolhido para realizar a *kutchinga*, ou seja, a inauguração da nova vida da viúva, realizada oito dias após o falecimento. Dado o tempo de espera, a protagonista recebe, durante a madrugada ainda, a preparação inicial para a purificação sexual; cobrem-na com uma manta grossa de algodão e lavam-na com banho de vapor esfregando ervas em todo o seu corpo. Em seguida, parada no quarto ao lado, as paredes estão cortinadas em tom de verde, ao redor incensos queimando e no chão um tapete de folhas frescas, aproxima-se o escolhido. Assim, a tradição entregou-a nos braços do herdeiro Levy, que a trata gentil e suavemente na hora da relação modificando suas vivências nas relações através do sexo, do amor e do prazer. Simultaneamente, todas as vivências durante a busca de sua libertação a fizeram sair do espectro observadora para a agente transformadora, propiciado através do cotidiano e do entendido no mundo diário dos oprimidos/as em relação dialética com o do opressor/a apoderando-se dos sentidos, crenças e mitos difundidos para, delas partindo, levar mulheres e homens a conscientizarem-se, e a terem a possibilidade de transformar conscientemente a sua realidade.

À vista disso, as personagens de amantes apresentam as suas singularidades e pluralidades do ser mulher. Inclusive, a protagonista de *Niketche* (2022) assume-se, como nos ampara Beauvoir (2019), a um tempo como *si* e como *outro*, ocasionando resultâncias variáveis que, conjuntamente, transformam sua fraqueza e sua força em uma arma como forma de libertação e conscientização de suas associações ditadas pelas situações ambíguas que lhe determinaram, transmitindo-nos a busca verosímil da identidade do “Ser mulher”.

5. Considerações finais

Que mulher eu sou, espelho meu? Literatura e realidade se prendem dinamicamente nessa dicotomia. A compreensão a ser alcançada pela leitura de *Niketche: uma história de Poligamia* (2022), implicou na percepção das relações entre o texto e o contexto como aponta Derrida (1991), entre os ditos e não ditos, entre *différence* e *différance*, enfim, entre leitora, protagonista e autora. Mulheres. O baú lacrado, memórias e percepções escondidas nestes 32 anos de idade, abriu-se um pouco neste trabalho de conclusão para revelar o percurso constituidor do meu “Ser mulher”, configurado e reconfigurado pela memória e pela experiência leitora. Neste sentido, o resultado deste trabalho espera configurar e reconfigurar outras mulheres; espera servir de motriz para a leitura de Chiziane/Rami, metonímia das gerações de mulheres de ontem, de hoje e de amanhã. Afinal, este trabalho simboliza para mim a concretização do sonho de mulheres que sonharam juntas, eu e minha mãe, até onde conseguimos, ou seja, é um ato de importância porque não se trata apenas do meu percurso acadêmico, mas do meu percurso como mulher.

Eu me sinto levada - e até com o sentimento de obrigatoriedade democrática - a ressaltar a importância da educação universitária – o exercício do pensar - algo fundamental na formação identitária do sujeito -, pois, cursar a Universidade Federal do Pampa – Unipampa, possibilitou-me estabelecer uma interlocução entre a teoria do conhecimento e minhas vivências, fundamentado sobre a educação reflexiva, dialógica, conscientizadora, responsável e libertária. Processos dos quais propulsionaram-me a compreender a visão de homens e

de mulheres e as relações com o mundo, que, por diversas vezes, ressignificaram e deslocaram minhas percepções e (re)leituras de como eu me via e entendia-me nos espaços socioculturais. Defendo também, além de tudo, que a educação é um dos acessos concretos para a autonomia da mulher, uma base importante para conquistar a libertação identitária do sujeito feminino, pois é a partir dos estudos que poderemos alcançar melhores oportunidades sociais, profissionais e financeiras.

Posto isso, durante a realização deste trabalho de conclusão procurei estabelecer um olhar de reflexão sobre a identidade de gênero a partir do meu lugar de leitora, com as minhas vivências e percepções de mundo, o qual são oportunizadoras de debate, de problematização e da conscientização a partir dos círculos culturais presentes no romance *Niketché: uma história de Poligamia* (2022), de Paulina Chiziane.

Além de promover a interlocução e o diálogo, lancei-me nos âmbitos leitora/protagonista/autora, com base na construção ficcional, para contrastar as diferenças e semelhanças verossímeis e repercutidas nas vivências/experiências de diferentes mulheres que são cruzadas por discursos que procuram formatar os sujeitos femininos dentro de uma lógica machista. Lembramo-nos, também, no que nos alicerça Beauvoir (2019), ao respeitar que a liberdade do feminino é recusar a se restringir nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir também para ele; reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá, entretanto um outro para o outro.

A ampliação dos papéis da mulher nos espaços sociais não nega a necessidade da identificação, na medida em que Brasil e Moçambique foram colonizados por Portugal e possuem uma forte moral cristã, mas reivindica o direito à voz. A liberação das mulheres não pode progredir sem passar por reivindicação e espaços de fala, tanto em nível de reconhecimento social, quanto o do crescimento individual e das relações sociais entre as próprias mulheres e entre mulheres e homens.

Então, este trabalho de conclusão não é um fim, mas um momento marcado no tempo em que registra um olhar constituído desde as experiências mais remotas da minha infância, da minha adolescência, enfim, é um processo de compreensão crítica da importância da ampliação identitária que vem

constituindo e refinando o meu “Ser mulher”. E, é com este direito que dialeticamente eu, protagonista de minha realidade, destino-me ao processo de protagonizar o meu lugar de fala para compreender minha história, levantar hipóteses sobre os desafios da minha realidade e procurar minhas soluções... Eu sou esta mulher.

6. Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**; tradução Sérgio Milliet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2019.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991.

DOS SANTOS. Sandra Pahl. As teorias feministas e a evolução das relações de gênero na sociedade. Publ. UEPG **Ci, Soc. Apl.**, Ponta Grossa, 20 (2): 2013-233, jul/dez.2012. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>

EVEN-ZOHAR. Itamar. A literatura como bens e ferramentas. **Revista Colineares**. Tradução de Daiane Padula Paz, Éderson Cabral, Luís Fernando da Rosa Marozo e Yanna Karlla Honório Gontijo Cunha. Online. Edição 2. Rio Grande do Norte: UERN, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/viewFile/1764/949>. Acesso em: fevereiro 2023. -ISSN 2357-8203

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. (Coleção polêmicas do nosso tempo;4). São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (trad. Tomasz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro).11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salette R. P. dos (Orgs.). Mulher e Literatura: história, gênero e sexualidade. Caxias do Sul: Educs, 2010. Resenha de: ZIMMERMANN, Tânia Regina. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.1, n.2, p. 137-141, jan./jun. 2012. Acessar publicação original [DR]

ESTADÃO. **Por voto, feminista morre em Derby**. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,por-voto--feminista-morre-em-derby,9106,0.htm>. Acesso em: outubro de 2022

GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. **História de Moçambique**. Disponível em: <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Historia-de-Mocambique>.

Acesso em: dezembro de 2022.

UFSM. **Declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789**. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/1789.pdf>. Acesso em: outubro de 2022

UFSM. **Declaração dos direitos da mulher e cidadã**. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/414/2018/10/DeclaraDirMulherCidada1791RecDidaPESSOALJNETO.pdf>. Acesso em: outubro de 2022

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **História de Moçambique**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Mo%C3%A7ambique. Acesso em: dezembro de 2022.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Moçambique**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A7ambique>. Acesso em: dezembro de 2022.

WLSA. **Feminismo em Moçambique: feminismo e direito humano das mulheres**. Disponível em: <https://www.wlsa.org.mz/artigo/feminismo-e-direitos-humanos-das-mulheres/#Notas>. Acesso em: dezembro de 2022.

WOLLSTONECRAFT. Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher. Edição comentada do clássico feminista** [recurso eletrônico]. / Mary Wollstonecraft; tradução Ivania Pocinho Motta. -1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf. Acesso em: outubro de 2022.